

DF - Brasília

“AQUI A GENTE NÃO FAZ GRANDES COISAS, MAS PELO MENOS REALIZA VÁRIOS PEQUENOS SONHOS”

Nilza Teixeira, 77 anos, frequentadora da Igrejinha desde 1960



CELEBRAÇÃO

Primeiro monumento inaugurado em Brasília, em junho de 1958, Igreja de Nossa de Fátima tem semana de festas para comemorar seu aniversário. Templo é reverenciado por quem o frequenta

45 anos de fé e reza

Arquivo Público



IGREJINHA PRONTA ANTES DAS QUADRAS: PEDIDO DE SARAH KUBITSCHK

CÉSAR HENRIQUE ARRAIS

DA EQUIPE DO CORREIO

Pela estrada de terra, os carros das autoridades passavam levantando muita poeira. Centenas de pessoas já estavam a postos, à espera do grande momento. Era a primeira inauguração de uma obra definitiva, em alvenaria, da nova capital do país, ainda em 1958. Antes de todos os prédios e palácios governamentais, Juscelino Kubitschek desceu do carro festejado pela multidão e dom Carlos Carmelo começou a celebrar o culto. No final, o santuário de Nossa Senhora de Fátima — que depois virou apenas Igrejinha — entrou para a história de Brasília.

A conjunção dos traços de Oscar Niemeyer, com o paisagismo de Burle Marx e os azulejos de Athos Bulcão — havia também afrescos de Alfredo Volpi, que foram apagados por ordem de um padre no final dos anos 60 — é um marco tanto do modernismo como do espiritualismo da cidade. “Por ser pequena e estar numa área fundamental, a Igrejinha é como se fosse o coração de Brasília”, exalta do frei capuchinho Venildo Trevisan, que reassumiu o templo há dois meses. Já havia celebrado missas por lá entre 1985 e 1994.

A obra erguida em 100 dias — à pedido da então primeira-dama Sarah Kubitschek como pagamento de graça alcançada junto à santa em favor da frágil saúde de sua filha Márcia — foi inaugurada quase dois anos antes da própria capital. Seu simbolismo na cidade é tamanho que acabou rebatizando a quadra 107/ 108 sul como Rua da Igrejinha. Logo onde o urbanista Lúcio Costa fez de tudo para que nada se parecesse com uma rua convencional.

O aniversário de 45 anos da Igrejinha acontece somente em 12 de

julho. Mas, as comemorações acontecem ao longo desta semana e culminam com a celebração do dia de Nossa Senhora de Fátima, no próximo domingo. Durante esse período, acontece a tradicional quermesse da Igrejinha, realizada desde o início dos anos 80.

Símbolo

Mesmo com os indefectíveis azulejos azuis mal conservados — uma pichação com a inscrição *Igreja Farsa Capitalista* se destaca entre eles — a Igrejinha continua sendo passagem obrigatória dos que visitam Brasília. Ontem, um grupo de arquitetos de Portugal e Macau, ex-colônia portuguesa na China, estava por lá. “As obras arquitetônicas de Brasília são únicas no mundo. Em que outro lugar encontraríamos uma igreja como essa?”, indaga o macaense Adalberto Tenreiro.

A obra também é paixão de muitos brasilienses, sobretudo dos que vivem na Unidade de Vizinhança, área formada pelas quadras 107, 108, 307 e 308 Sul. Em outubro de 1960, a então funcionária da Câmara dos Deputados Nilza Teixeira Soares teve de trocar o Rio de Janeiro pela nova capital.

Desde então, está frequentando a Igrejinha e se lembra até de quando os afrescos de Volpi estavam à mostra. Em 1970, começou a se engajar nos projetos sociais e religiosos do templo e, para isso, comprou um apartamento na 308 sul. Hoje, com 77 anos, já viu gerações de católicos se formarem na Igrejinha. Ela mesmo, que é solteira, abre sua casa para menores carentes, que além de frequentar a catequese no templo, também são estimulados a estudar e a desenvolver uma vocação profissional. Mais de 300 passaram por sua casa. “Aqui a gente não faz grandes coisas, mas pelo menos realiza vários pequenos sonhos”, conta.